

MAI-BRITT WOLTHERS

BLUE: A TERRA É AZUL

POR MARCUS LONTRA

Através da observação da paisagem o homem decifra e transforma o mundo. “Toda paisagem é um estado de espírito” ensina Fernando Pessoa. As instâncias regeneradoras da espécie, a religião, a arte e a ciência, se estruturam através da curiosidade incansável do olhar humano. No século XIX os artistas cansados das regras acadêmicas voltaram-se para a natureza e a pintura “en plain air”. O impressionismo em sua ânsia de congelar o instante fugidio da natureza acabou por criar as bases da grande aventura modernista.

A arte - e em especial a pintura - sempre será a imagem das histórias que a precedem. Mai-Britt Wolthers e Suzana Queiroga são portanto herdeiras da tradição. A primeira, dinamarquesa de nascimento reside há quase três décadas na cidade de Santos. O fauvismo de suas paisagens compromete-se com a visualidade do Grupo Cobra e com a potência cromática dos trópicos. Há nessas pinturas uma inerente tensão entre a forma e a matéria, entre o estado líquido e sólido da matéria, entre o efêmero e o permanente. Por isso a sua pintura é estranhamente bela como o canto da sereia e faz com que as nossas retinas passem por um território de belezas densas e misteriosas.

Em Suzana Queiroga a referência impressionista se estabelece através da bruma, do contorno indefinido que valoriza a potência cromática da imagem. Há em cada tela um ver “através” da densidade da matéria. A superfície plana, o terreno da bidimensionalidade, cede aos encantos do tempo, do ar que filtra e transforma a realidade. As intensas superfícies cromáticas dos objetos infláveis da artista se fazem presente na sua pintura inteligente e

sensível, que valoriza a instabilidade como estratégia de ação da artista e estabelece uma equação sensível entre o tempo e o espaço, entre a forma e a cor, entre o mistério e o real.

A oportunidade de se reunir num mesmo espaço físico duas produções que se complementam permite compreender a variedade dos caminhos que a paisagem ainda hoje alimenta para a ação artística e permite também que possamos reencontrar o encanto da pintura em sua permanente tarefa de ser ponte entre a tradição e o novo.